

UMA OFICINA DE CIENTISTAS¹

Melquíades Pinto Paiva²

A longa vida me deu a felicidade de participar dos festejos cinquentenários da Estação de Biologia Marinha, atual Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará (LABOMAR), da qual fui o diretor-fundador, criada pela Resolução nº 96, de 02 de dezembro de 1960, assinada pelo reitor Antônio Martins Filho, como Instituto Aplicado da então denominada Universidade do Ceará.

Não pretendo repetir numerosos escritos de minha autoria, bem conhecidos pela maioria dos presentes a esta solenidade, sobre os antecedentes da nova unidade universitária, agora completando 50 anos de existência. Aqui, desejo falar sobre a sua construção, como verdadeira oficina de cientistas.

Pelo menos, um acontecimento inusitado devo recordar, pela importância seminal do futuro desenvolvimento. Casei-me na manhã de 04 de janeiro de 1961. Em seguida, meus sogros receberam familiares e amigos na própria casa, para um almoço comemorativo.

Um fato anormal chamou a atenção dos presentes, naquela recepção: tratou-se de telefonema do reitor Antônio Martins Filho, chamando-me à Reitoria, sem condição de negativa. Encontrei-o tresnoitado, porque se preparava o orçamento da Universidade do Ceará.

Aqui chegando, o reitor se desculpou por não haver comparecido ao casamento, mas disse ter uma missão e um presente para mim:

- deveria ir de imediato à cidade do Recife (PE), onde ficaria à disposição da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) durante dois meses, a pedido daquela autarquia;

- na minha ausência, seria nomeado diretor da Estação de Biologia Marinha.

Então, perguntei ao reitor onde seria instalada a unidade recém criada, a ser por mim dirigida como seu diretor-fundador. Ele me respondeu:

- “Não sei, resolva você o problema. Não me deixe no meio do caminho, porque não tenho outro maluco para cuidar disto.”

Atordado, agradei a honra recebida e voltei para os festejos do casamento. Por isto, eu e minha mulher dizemos que a Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará foi a nossa primeira filha! No dia seguinte, de modo imprevisto, embarcamos para o Recife.

Com a perspectiva do tempo decorrido e a serenidade dos anos vividos, agora posso afirmar que a Estação de Biologia Maria tinha tudo para não dar certo. No seu nascedouro, desprovida de bens materiais e de recursos financeiros diminutos, pode-se avaliar a ousadia do reitor Antônio Martins Filho, quando entregou a nova unidade universitária a um professor com especialização em Ictiologia, acompanhado por quatro estudantes de Agronomia: Hermínia de Castro Holanda, Maria Ivone Mota, Vicente de Araújo Barreto e José Fausto Filho.

É sempre bom lembrar histórias de coragem e sucesso daqueles que anteviram os caminhos do futuro, honrando cargos públicos ocupados e servindo ao povo nordestino e brasileiro. Isto explica as continuadas homenagens que são prestadas ao reitor Antônio Martins Filho.

Para que a nova unidade fosse implantada o quanto antes, e efetivando promessa anteriormente feita, no dia 10 de janeiro de 1961 o reitor assinou a Portaria nº 03/61, designando-me para ocupar o cargo de diretor da Estação de Biologia Marinha. Então, eu era professor assistente da cadeira de Zoologia Agrícola da Escola de Agronomia e desenvolvia, com um grupo de quatro estudantes, pesquisas enquadradas no campo de ação atribuído à referida unidade da Universidade do Ceará.

Como era de seu feitio, Antônio Martins Filho transformou sonhos em realidade e ajudou muita

¹ Palestra proferida no dia 2 de dezembro de 2010, na Reitoria da Universidade Federal do Ceará, por ocasião dos festejos comemorativos do cinquentenário do seu Instituto de Ciências do Mar.

² Diretor-fundador do Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará e seu Diretor Emérito.

gente que buscava afirmação profissional. Certa vez lhe disse que me havia dado *asas para voar* – uma metáfora. De imediato, ele contestou com outra, afirmando que melhor seria dizer *nadadeiras para nadar*, referindo a minha orientação para o estudo da biologia dos peixes.

As atividades da Estação de Biologia Marinha foram iniciadas em março de 1961, em dependências da Escola de Agronomia, onde permaneceu até dezembro daquele ano, quando se transferiu para sede própria, uma velha casa então existente no atual endereço do Instituto de Ciências do Mar. Fui seu diretor até 24 de abril de 1976.

Desde cedo, senti as duras carências de apropriadas instalações, equipamentos científicos e, em escala bem maior, de pessoal qualificado para conduzir as pesquisas necessárias para o alcance dos objetivos indicados no documento de criação da Estação de Biologia Marinha, a saber: “contribuir para o desenvolvimento dos estudos biológicos na Universidade, nos limites do seu campo de ação específico, e promover as pesquisas necessárias à implantação e ao aperfeiçoamento, em bases racionais, da indústria pesqueira no Ceará.”

Não havia dinheiro suficiente para sanar as carências indicadas – construção de laboratórios, compra de equipamentos e “importação” de cientistas. O caminho a seguir compreendia duas linhas de ação, alternativas mas, não excludentes: uma, inspirada em nossos ideais, que nos levava a acreditar no futuro e aguardar a chegada dos recursos para construções e equipamentos; a outra, muito pragmática, impeliu-nos a começar, de imediato, a produção artesanal de novos cientistas, transformar a Estação de Biologia Marinha numa verdadeira oficina de qualificação de gente. Eu e meus quatro alunos éramos simples aprendizes das práticas científicas, sendo eu apenas o mais velho e com algum treinamento – não havia o **mestre**. Sempre acreditei que não se encontra cientistas em supermercados, mas que o dinheiro se fazia necessário à compra material de construção e equipamentos científicos.

A vida foi passando, estando eu envolvido na santa loucura de dar ao Ceará uma instituição respeitada no campo das Ciências do Mar, enfrentando todos os problemas que cercam os pioneiros sonhadores, dando mais valor a coisas realizadas do que a quimeras fora do alcance da ação construtiva.

Não estive só na luta, pois contei com o apoio de amigos e colegas, autoridades universitárias e dos jovens que ia recrutando para as atividades de pesquisa. Nomes tutelares me deram suporte nas horas difíceis, quando tudo parecia sem futuro, pela

imensidade dos obstáculos a vencer. Aqui homenageio aqueles de maior envergadura e constante presença na ajuda que lhes pedía, em ordem alfabética: Antônio Martins Filho, Prisco Bezerra, Raimundo Renato de Almeida Braga e Rui Simões de Menezes.

A partir de 1964, a Estação de Biologia Marinha/Laboratório de Ciências do Mar começou a receber apoios institucionais, sob a forma de recursos externos, para a realização de suas pesquisas. A ajuda primeira resultou da interferência direta de João Gonçalves de Sousa, quando superintendente da SUDENE.

Pouco tempo após o início de suas atividades, a Estação de Biologia Marinha começou a se destacar no âmbito da Universidade do Ceará e merecer o respeito da comunidade científica nacional, com os seguintes parâmetros de atuação: trabalho intenso, desenvolvido com seriedade e competência; preocupação constante com a formação de recursos humanos; atenção para melhor conhecer a biota marinha nordestina; condução de pesquisas sobre a biologia e pescarias de atuns e afins, lagostas, cavala e serra. Já em 1961 começou a divulgar suas primeiras pesquisas, em periódicos próprios, permitindo o intercâmbio de publicações e o crescimento de sua biblioteca.

No recrutamento de recém-graduados e de estudantes, estabeleci alguns procedimentos: bom desempenho nos cursos de graduação, avaliado por notas obtidas nas matérias curriculares; indicações feitas por renomados professores da Universidade; demonstração de interesse pelas práticas científicas e despreocupação pela remuneração financeira, sondadas através de entrevista; interesse em colocar a ciência a serviço do povo brasileiro. Em verdade, a Ciência não tem pátria, o contrário devendo acontecer com os cientistas!

Em face da interdisciplinaridade das pesquisas a desenvolver e sempre procurar dispor de variados saberes, o recrutamento de pessoal de nível superior não se limitou à natureza dos cursos de graduação. Nas equipes envolvidas em atividades científicas na Estação de Biologia Marinha/Laboratório de Ciências do Mar, nos anos de 1961 a 1985, estiveram profissionais com 15 diferentes cursos de graduação universitária, destacando-se os engenheiros de pesca, os engenheiros agrônomos, os farmacêuticos bioquímicos e os bacharéis em Biologia. Dois reitores iniciaram suas vidas profissionais na instituição agora cinquentenária: Roberto Cláudio Frota Bezerra, na Universidade Federal do Ceará; Jáder Onofre de Moraes, na Universidade Estadual do Ceará.

Procurando amenizar as carências antes indicadas, jovens recrutados passaram a frequentar labo-

ratórios e a usar equipamentos de outras unidades da Universidade (Federal) do Ceará, tais como a Faculdade de Farmácia, a Faculdade de Medicina e a Escola de Agronomia, orientados por conceituados professores; outros permaneceram na instituição, mais voltados para os estudos da biodiversidade e das pescarias, a sob a minha direta orientação. Os pós-graduados *strictu sensu* começaram a aparecer nos anos '70.

Sempre procurei evitar o isolamento científico e institucional, enviando pesquisadores para estágios e/ou cursos de pós-graduação no Brasil e no exterior; recebendo cientistas que tinham trabalhos a realizar no Ceará; promovendo cursos de curta duração, ministrados por distinguidos professores brasileiros e estrangeiros; abrigando por demorados tempos de permanência pesquisadores/professores estrangeiros, em missões de cooperação técnica internacional; distribuindo as próprias publicações, à medida que iam sendo editadas.

Uma importante melhoria na infraestrutura do Laboratório de Ciências do Mar, decorreu da construção de sua moderna e ampla sede, às custas de recursos de financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), inaugurada em 1971. No final de 1988 foi lançado ao mar o barco de pesquisa "Prof. Martins Filho", construído com recursos da Comissão Interministerial de Recursos do Mar, para servir aos programas de pesquisas do Laboratório de Ciências do Mar.

Em conseqüência da malfadada reforma universitária de 1968, a instituição passou à condição de órgão suplementar da já chamada Universidade Federal do Ceará, baixando de *status* na estrutura universitária, com a denominação de Laboratório de Ciências do Mar. Ali começou um longo e doloroso tempo, com a perda de muitos pesquisadores, o que ameaçou a sua própria sobrevivência.

Depois de um "pesadelo" que durou 30 anos, pondo à prova a resistência digna e útil do Laboratório de Ciências do Mar, houve o retorno ao primitivo *status* de Instituto da Universidade Federal do

Ceará, conforme Portaria nº 592-99-MEC; passou a se denominar Instituto de Ciências do Mar, mas conservou a sigla LABOMAR, pelo fato de ser nacional e internacionalmente conhecida.

Isto decorreu do somatório de ações de três pessoas com posições de destaque na Universidade Federal do Ceará:

- o reitor Roberto Cláudio Frota Bezerra, que começou sua vida profissional na instituição, para depois avançar como educador e respeitado administrador;

- a pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Maria da Silva Pitombeira, que ali dedicou longos anos de trabalho na condução de pesquisas sobre a hematologia de peixes marinhos, então iniciadas em âmbito nacional;

- o diretor Carlos Artur Sobreira Rocha chegando à instituição ainda adolescente, amadurecendo na vivência de pesquisas marinhas e no aprendizado do trabalho sério, sem canseiras comprometedoras.

Na administração do reitor Ícaro de Sousa Moreira, sendo seu diretor Luís Parente Maia, foi implantado o mestrado em Oceanografia Tropical.

Por último, agora no reitorado de Jesualdo Pereira Farias, sendo seu diretor Manuel Antônio de Andrade Furtado Neto, surgiram o doutorado em Oceanografia Tropical e os cursos de graduação em Oceanografia e Ciências Ambientais.

A velha oficina de cientistas continua vigorosa e plena de idealismo, formando pessoal para enfrentar os desafios do mar, a nossa Amazônia Azul.

Distinguidos colegas professores doutores Jesualdo Pereira Farias e Manuel Antônio de Andrade Furtado Neto, e demais autoridades universitárias: agradeço a todos a concessão do título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará.

Confesso que desde 1987, muito desejei receber esta honraria, sempre protelada por causas menores, como divergências pessoais e desinteresse de colegas dos departamentais. Antes tarde do que nunca!

Ao finalizar, expresso agradecimentos a todos os que compareceram a esta solenidade.